



História de Tertuliano

Tertuliano nasceu em família pobre, de pequenos agricultores. Desde pequeno apresentou espírito refratário ao meio que o abrigou. Fazendo parte de uma prole extensa, nunca foi de dividir com os onze irmãos quaisquer utensílios, brinquedos ou tarefas.

Tendo que acordar de madrugada desde garoto para trabalhar na roça, cada vez que era sacudido pelo pai – homem austero que trazia sempre à mão a cinta ou a chibata como “bom” corretivo – revoltava-se e negava-se a sair da cama, principalmente nos dias de frio intenso do inverno sulino. Não poucas vezes o patriarca jogou-o ao chão e com uma das pernas retendo-o pela cabeça embaixo da bota o açoitava, botando-o a trabalhar com os pés descalços no campo coberto de grossa camada de orvalho matinal, congelado pelas baixas temperaturas do pampa gaúcho.

Dessa maneira ele foi crescendo, entre a rebeldia e as surras do pai, que só aumentavam sua revolta. Não aceitava ter que trabalhar daquele modo e o fato de não ser rico. Prometia para si que assim que tivesse idade sairia de casa e nunca mais voltaria.

Por volta dos 17 anos de idade, alistou-se na Aeronáutica. Tendo feito Escola de Aprendizes de Sargento, aperfeiçoou-se em treinamentos internos, chegando em alguns anos ao posto de primeiro-sargento, resolvendo seguir carreira militar. Casou-se e teve dois filhos, um casal. Por volta do nascimento do primeiro filho, deparou-se com ostensiva mediunidade aflorada, o que o levou a se interessar pelas coisas do Além. De inteligência brilhante, rapidamente absorveu todos os conhecimentos kardequianos em pequeno centro espírita. Tornou-se efetivo médium psicógrafo, receitando homeopatia, o que era habitual pelos idos de 1950.

Atormentava-o uma curiosidade inata que o deixava muito inquieto. Assim, passou a estudar magia e a se interessar pela Umbanda, o que o levou a frequentá-la concomitantemente com o trabalho espírita. Percebendo seus “dons” mediúnicos e a facilidade de intercâmbio com os Guias e Protetores, Caboclos e Pretos Velhos, seguidos de curas fenomenais para a época, começou a se envaidecer com os seguidos elogios dos consulentes. Um agrado aqui, um elogio acolá, sentia-se onipotente, indispensável. Resolveu trabalhar com reduzidas pessoas na garagem da sua residência e a receber dinheiro pelos atendimentos e pelas consultas.

Diante da necessidade de resultados e da cobrança insistente dos consulentes que pagavam e queriam o serviço feito, acabou se entregando completamente à magia negra, com sacrifícios cada vez maiores de animais, perdendo-se inteiramente no completo desrespeito às leis cósmicas, ao livre-arbítrio alheio e ao merecimento individual de cada criatura.

Há muito tempo seus Guias e Protetores haviam se afastado, não por falta de amor pelo médium, mas, sim, por completa incapacidade vibratória para aproximarem-se do dedicado aparelho de outrora, que estava chafurdado num mar de lama pútrida, nas malhas de pesada organização do umbral inferior.

Assim passaram-se os anos. Tertuliano aposentou-se das Forças Aéreas e nunca conseguiu ser rico como tanto almejava. Em

completa perturbação, separado da esposa e com os filhos crescidos, o mais velho já casado, terminou seus dias sozinho, em completa dementação, sem dormir e muito magro. Ficava noites seguidas como se fosse um autômato sem vontade, um robô teleguiado, sendo visto altas horas da madrugada abrindo buracos no cemitério da pequena cidade que o abrigou, ao lado da igreja, na praça principal. Tertuliano residia à frente desse templo católico, numa casa muito simples de madeira, nas cercanias da região metropolitana da Grande Porto Alegre. Para espanto geral da pequena comunidade muito beata, rolava na terra úmida perto das sepulturas, e com olhar petrificado, cortava o pescoço de um cabrito, tomando o sangue quente que vertia abundante. Poucos dias após essa cena deprimente, morreu de fulminante infarto agudo do miocárdio, sozinho, magro e desnutrido, completamente louco.

Antes de sabermos o que ocorreu com Tertuliano quando acordou do lado de lá, é oportuno identificarmos a sua encarnação anterior, em que foi um poderoso médico e rico alquimista na Espanha do século XVIII. Profundo conhecedor das ciências ocultas, utilizou ao máximo o poder alquímico para dominar e enriquecer, tendo fundado uma espécie de seita satânica, em que as longas orgias eram precedidas de rituais de magia negra com sacrifícios de belas donzelas em tenra idade. Tendo sido seu corpo astral sensibilizado para ser médium de cura nesta última encarnação, no seio da Umbanda, recaiu abruptamente em fortes condicionamentos arraigados, e num comportamento atávico, reativou a conduta de alquimista da Idade Média, esquecendo-se dos compromissos assumidos com os mestres cármicos e espíritos amorosos que o acompanhariam na caridade terrena, que por sua vez muito o auxiliariam nos resgates dos desmandos do passado.

Voltemos ao despertar de Tertuliano, agora no plano astral. Acordou e viu-se preso num buraco enlameado, fétido e com uma legião de “homens-lobo”, seres desgrenhados e raivosos do umbral inferior a lhe baterem com correntes pontiagudas de

ção que dilaceravam suas carnes. Ficou assim não sabe por quanto tempo. Não tendo mais forças, se entregou num estado de torpor àquela dor dilacerante e não se espantava mais com seus ossos expostos, os músculos e nervos pendurados em pedaços como se tivesse virado animal esquartejado e exposto num matadouro, além do sangue que nunca cessava de jorrar. Num determinado instante, sentiu forte desejo sexual, quando viu se aproximar uma lânguida e sensual “mulher”, mas ao olhar mais de perto, percebeu que no lugar da pele havia escamas cobertas de um tipo de musgo esverdeado pegajoso, que seus olhos eram vermelhos, as pupilas, como de felino, e as unhas, estiletos cortantes. O ente ignóbil dançava a sua frente em gestos obscenos. Aquele artificial do astral inferior que ele criou, manipulando-o muitas vezes para separar casais, hipnotizava-o e o envolvia sensualmente. Não podendo se controlar pelo intenso hipnotismo, se entregou ao conluio sexual com essa “mulher” assombrosa, que sugava suas últimas energias vitais, e sentiu que não tinha mais vontade própria, perdendo sua última gota de dignidade. Rogava a todos os demônios e lucíferes que o tirassem de tão sinistro destino.

Imediatamente, em completa prostração e fraqueza, viu-se diante de um mago negro, que vestia uma longa capa escarlate, de tórax e abdome encovados e de feitio reptílico, de aparência geral comprida e delgada, com o pescoço dilatado similar a uma cobra naja enraivecida pronta a dar a investida mortífera, que se propôs a arrebanhá-lo para suas hostes, dizendo-lhe que assim como todos eles haviam trabalhado para ele enquanto estava encarnado, agora era chegado o momento de ele retribuir sendo escravo deles. Caso não aceitasse essa situação, que ficasse a penar no buraco em que se encontrava. Concordou com a proposta, e a primeira missão que lhe deram foi atacar e destruir sua ex-esposa, o filho e a filha, como prova da sua fidelidade. Relutou, mas, por fim, cedeu, e completamente perdido de ódio por tudo e por todos, instalou-se na contraparte etérica da residência dos antigos parentes. Levou-os

verdadeiramente a um inferno de Dante pelos fluidos enfermicos que exalava, que não detalharemos para o nosso relato não ficar excessivamente fúnebre.

Quando tudo parecia chegar ao fim – a companheira de décadas estava quase louca, o filho só pensava em suicídio, e a filha estava grávida de pai desconhecido –, a ex-esposa – antiga médium de Umbanda – num vislumbre de lucidez, viu-se em quadro ideoplástico clarividente, criado e inspirado por “sua” Preta Velha, um espírito protetor, que a orientou a procurar ajuda espiritual, sob pena de todos sucumbirem. Resolveu determinadamente, surpreendendo-se com suas próprias forças, procurar ajuda num Terreiro de Umbanda.

Em consulta realizada, um Caboclo denominado Ogum Sete Lanças, incorporado num médium, disse que havia um espírito familiar muito perturbado desestruturando a família. Solicitou a continuidade dos atendimentos, falou da persistência que os membros da família terão que demonstrar e, concomitantemente aos trabalhos habituais da Umbanda, encaminhou todos para uma sessão de desobsessão naquele terreiro, que era realizada na última quinta-feira de cada mês, em que eram realizados diálogos fraternos com espíritos sofredores.

Sob o comando da falange espiritual desse Caboclo, toda a organização trevosa foi retida, e Tertuliano foi esclarecido e aceitou ir para um local de correção e estudo no Astral sob a égide da Umbanda. Seus familiares encarnados tiveram novamente o bem-estar em suas vidas.

Após um longo período de aprendizado e treinamento numa escola corretiva, Tertuliano foi aprovado para trabalhar no Plano Espiritual como auxiliar numa legião entre as muitas que compõem a Umbanda. Passou a ser denominado de Bará Longo, tendo este nome que o identifica impresso no uniforme que ocupa, em vermelho, como um bordado luzente, no peito, logo acima do coração. Diz-nos que é somente um identificador do tipo de tarefa, pois

muitos outros assim também são denominados, o que caracteriza a impessoalidade necessária à rígida disciplina da falange de que faz parte, que está sob as ordens do Exu Guardião Pinga-Fogo. Aceitou pelo exercício do seu arbítrio a escala de trabalho que lhe apresentaram. Hoje labuta como instrumento de combate à magia negra e aos antigos comparsas do umbral inferior, auxiliando o Guia Vovó Maria Conga, do Orixá Yorimá.

Assim, Tertuliano evolui no Astral, sob a égide da Umbanda, como um disciplinado auxiliar, fortalecendo-se para não fracassar na sua próxima encarnação, pois novamente retornará como médium. Atua no meio mais vil e rastejante que existe, no que podemos chamar de sombra da humanidade, que conhece muito bem, aplicando seus vastos conhecimentos de magia em prol da justiça cósmica, em que semelhante cura semelhante, o que está acima do bem ou do mal, como entendemos precariamente.

Observações do médium

É oportuno lembrarmos que a Umbanda é constituída numa espécie de setenário mágico, que é organizado por um contingente de seres, estruturalmente com posições definidas de acordo com as tarefas e o tipo de magia. Começando com os Orixás, em número de sete, a Umbanda hierarquiza-se em Legiões, estas por sua vez em Falanges, ambas com seus Chefes, todas englobando um grande contingente de Guias e Protetores.

Os Exus ou Agentes Mágicos, por sua vez, incluem os sete Exus Guardiões, chamados Exus Coroados, com o grau de Chefe de Legião. Cada um deles tem outros Exus que trabalham sob seu comando, os chamados Exus Batizados (porque têm nomes pessoais) ou Chefes de Falange.

A par desse núcleo essencial, a Umbanda, ao longo de sua ação de caridade espiritual, tem abrigado incontável número de espíritos humanos desencarnados que se desligaram das falanges das sombras,

em geral por intervenção dos próprios trabalhadores dessa egrégora. Tais espíritos, optando por receber instrução e auxílio em organizações especializadas do Astral, preparam-se para o árduo caminho da reeducação de sua consciência, servindo como auxiliares dos Caboclos, Pretos Velhos ou Exus, executando trabalhos por estes designados, como espécie de “estagiários”. Evoluindo constantemente, e de acordo com o esforço e merecimento próprios, um auxiliar desses poderá eventualmente, no futuro, vir a transformar-se em Protetor, quando se credenciar para tal, num posto que vier a tornar-se vago pela “promoção” de um Protetor a Guia.

Esses auxiliares trabalham sob as ordens diretas de uma entidade – Caboclo, Preto Velho ou Preta Velha ou Exu – e, às vezes, podem ser tomados por um deles, ou conhecidos por denominações que na realidade pertencem àquele que os comanda. Por exemplo: um auxiliar de um Exu que é assimilado ou responde pelo nome de seu comandante, ou um auxiliar que é conhecido por um nome de Preto Velho. No primeiro caso temos, nesta obra, o auxiliar que é hoje Tertuliano, e no segundo caso do exemplo, Pai Quirino.

A todos esses trabalhadores, auxiliares do Bem em diversos níveis evolutivos, a Umbanda oferece guarida, a par de suas entidades “estruturais” (é interessante lembrar que as entidades ao nível de Guia não necessitam mais reencarnar – a não ser em missão voluntária –, enquanto os Protetores ainda precisam da reencarnação).

Importante afirmarmos que não trabalhamos diretamente, em termos de “incorporação”, com nenhum Exu original ou genuíno conforme hierarquia estratificada no Astral. Todos que se manifestam por intermédio da nossa mediunidade são auxiliares e reencarnarão. Utilizam, com permissão dos maiores da Umbanda, os nomes dos verdadeiros Agentes Mágicos. Esses irmãos reportam-se ao comando de Vovó Maria Conga, que fraternalmente vai orientando-os enquanto ocupam as posições de auxiliares na caridade. Executam programas evolutivos no Astral sob a égide da Umbanda. Como nos diz essa Guia espiritual e Preta Velha amorosa: “Meu

filho, todos nós somos auxiliares da caridade. O importante é darmos oportunidade àqueles que necessitam ardentemente realizar obras para evoluir. Como as árvores darão bons frutos se não regarmos o terreno ressecado pelo atrito dos desmandos pretéritos dessas almas de Deus? A semeadura de Jesus na Terra é amor, e a Umbanda atua saciando os que têm sede de Luz”.

Ao leitor sequioso por aprofundamento nessa temática, em especial aos umbandistas e trabalhadores dos grupos de Apometria, sugerimos a leitura de um verdadeiro clássico, um definitivo tratado sobre a Umbanda, o livro *Umbanda, essa desconhecida*, de Roger Feraudy.